

TRADUÇÃO DE CONTOS DE MOREIRA CAMPOS PARA O FRANCÊS: FIDELIDADE A UMA PAISAGEM LITERÁRIA

Teresa Bezerra*

Resumo

Neste trabalho pretendemos expor considerações acerca de uma experiência de tradução para o francês de alguns contos do autor cearense Moreira Campos. Tentamos mostrar como procedemos para reproduzir na língua de chegada a paisagem literária delineada a partir do texto original; que fatores influíram na escolha de soluções, em nível formal, de modo a recuperar os traços que caracterizam esta paisagem. Enfocamos algumas das marcas linguísticas através das quais ela se revela, ou seja, os tempos verbais e as estruturas nominais.

Unitermos: paisagem literária; estilo; coerência.

Resumé

Dans cet article nous nous proposons d'exposer des réflexions sur une expérience de traduction du portugais vers le français de quelques nouvelles de l'écrivain cearense Moreira Campos. Nous essayons de montrer les procédés utilisés pour reproduire dans la langue d'arrivée le paysage littéraire esquissé à partir du texte original; quels facteurs ont déterminé nos choix de solutions, au niveau formel. Nous n'examinons ici que certaines des marques linguistiques à travers lesquelles ce paysage se révèle, à savoir, les temps verbaux et les structures nominales.

Mots-clès: paysage littéraire; style; cohérence.

A escolha dos tempos verbais é um recurso estilístico importante que Moreira Campos utiliza para desenhar cenários quase fixos, onde o enredo quase inexistente, e onde se inserem personagens de vida rotineira, entediante, repetitiva.

Dos tempos da narrativa, é o imperfeito que predomina nos contos, seguido do perfeito, do mais que perfeito

e do presente. O imperfeito não apresentou problemas do ponto de vista da tradução para o francês, mas serviu-nos de referência para a recuperação na língua de chegada da atmosfera dos contos originais, influenciando nas nossas decisões quanto ao emprego dos outros tempos do passado, que apresentaram dificuldades.

Caberia aqui lembrar o valor destes tempos em português e em francês. Em português, de acordo com as gramáticas, os tempos do passado são pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples e composto e pretérito mais que perfeito simples e composto. Por sua vez, o sistema francês nos oferece o *imparfait*, o *passé simple* (ou *défini*), o *passé composé* (ou *indéfini*) e o *plus que parfait*.

Do ponto de vista formal, poderíamos dizer que, excetuando o mais que perfeito que, em português, aparece sob duas formas (simples e composta), enquanto que em francês, apenas sob a forma composta, os outros tempos do passado se correspondem nas duas línguas. Mesmo quanto ao valor e ao emprego, de maneira geral, podemos afirmar que são equivalentes nos dois sistemas linguísticos. Assim, o imperfeito e o *imparfait*, por seu aspecto durativo, expressam uma ação se processando numa porção do passado, por seu aspecto inconcluso, uma ação inacabada no passado, e por seu aspecto freqüentativo, uma ação habitual ou repetida no passado. Os mais que perfeitos simples e composto (distintos um do outro apenas por uma questão de registro) e o *plus que parfait* exprimem um fato passado anterior a outro fato passado. Ao compararmos, entretanto, pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto com *passé simple* e *passé composé*, verificamos uma diferença. Como afirmam Cunha e Cintra (1985, p. 443),

“Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português a clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA,...

* Universidade Federal do Ceará

A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado....

Jantei com um apetite devorador e dormi como um anjo.
(M.Torga, V, 108.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. ...

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, OP, 175.)”

Para Mateus (1994, p.93), na frase, O Luís **estudou** até tarde, “o pretérito perfeito simples descreve um processo singular encarado como acabado” e, em O Luís **tem estudado** até tarde, “o pretérito perfeito composto localiza o início do estado de coisas descrito... e exprime um valor aspectual inacabado desse estado de coisas.” Dessa maneira, as duas formas do pretérito perfeito não podem se substituir uma à outra.

Em francês moderno, a distinção *passé simple* (ou *défini*)/ *passé composé* (ou *indéfini*) é de outra ordem. Verifica-se, sobretudo, com relação ao código utilizado: escrito ou oral, respectivamente.

Le passé simple a presque totalement disparu de la langue parlée.. (Grevisse, 1997, p.1253).

En français moderne, dans la langue parlée, le passé indéfini est la forme qui sert normalement à situer un procès dans le passé (passé lointain, passé récent).
(Wagner e Pinchon, 1991, p.368)

Com estas afirmações concluímos, portanto, que o *passé simple* praticamente desapareceu do francês oral, e o *passé composé* o substituiu.

Dans la langue écrite, il reste de plein usage: tant dans les journaux, quelle que soit leur couleur politique... que dans la littérature.” (Grevisse, 1997, p.1253)

É apenas na linguagem escrita que os dois tempos realmente se defrontam, ambos com o caráter aspectual de ação acabada.

Dans la langue écrite, le passé indéfini assume ce rôle parallèlement au passé défini, mais dans d’autres conditions que lui. (Wagner e Pinchon, 1991, p.369)

De acordo com estes autores, na frase *César a conquis la Gaule*, está implícita a idéia de que esta conquista repercutiu ainda na estrutura e no estado atuais da França, isto é, o *passé composé* (*indéfini*), como o *passé simple* (*défini*), expressa um processo acabado, mas, diferentemente deste, um processo cujo resultado ainda se manifesta no presente.

Da comparação feita entre os dois sistemas verbais, poderíamos concluir que a tradução dos tempos do passado, salvo alguns casos, seria automática. Entretanto, outros fatores que não os ditados pela gramática influem nas decisões do tradutor, quando este leva em conta a coerência do texto em termos de intencionalidade e aceitabilidade. No nosso caso específico, o que orientou a opção por determinadas soluções foi a intenção de reproduzir a paisagem literária, definida por Martine Kunz como “*um universo específico traduzido pelo estilo do autor, o estilo não só enquanto técnica, mas enquanto visão, enquanto maneira de ‘ser - no - mundo’ e de apreender a realidade sensível.*”

O pretérito imperfeito, de maior ocorrência nos textos de Moreira Campos, é sem dúvida, o que constitui menor fonte de problemas na tradução. É, como dissemos, o que revela o clima, a paisagem quase estática da maioria dos contos. Mesmo assim, em alguns textos, para traduzí-lo, fizemos escolhas não tão óbvias.

Para ilustrar, mostramos um trecho do conto *O peregrino* em que o pretérito imperfeito foi traduzido em francês pelo *présent*.

Chão rude, áspero, mais de pedregulhos. Um que outro bode ou cabra nas escarpas. O vento e os redemoinhos de folhas secas. Sobre os lajedos, ao meio dia, modorravam lagartos. Os casebres em distância de léguas. Seres em farrapos, as calças dos homens em tiras dos joelhos para baixo, olho da enxada no ombro. As mulheres mal podendo apresentar-se: os restos de roupa remendados não cobriam bem as vergonhas. Esse o pudor com que elas se entremostravam, escondidas no umbral da porta para servir a caneca d’água, moringa na mão, olhos em terra. Nesse mundo Belarmino lavrava o roçado onde possível: (Campos, 1996, p. 133).

Terre rude, âpre, plutôt des cailloux. Ça et là un bouc ou une chèvre sur les escarpements. Le vent et les tourbillons de feuilles sèches. Sur les roches, à midi, des lézards sommeillent. Des taudis à des lieues de distance. Des êtres déguenillés, les pantalons des hommes en lambeaux du genou jusqu’en bas, la bêche sur l’épaule. C’est tout juste si les femmes osent se montrer: les restes de vêtements rapiécés couvrent mal les parties. Cette pudeur avec laquelle elles se présentent, cachées dans l’embrasure de la porte pour servir le verre d’eau, la carafe à la main, les yeux baissés. Dans ce monde Belarmino labourait la terre, là où c’était possible:

Depois de iniciar o conto com três frases nominais, o autor continua a apresentar o cenário em que se vai desenrolar a narrativa. O efeito maior causado por esta descrição é o de um mundo parado, onde nada acontece, um mundo em estado permanente de estagnação. Pareceu-nos, portanto, que o *présent* poderia transmitir melhor do que o *imparfait* a idéia de que aquilo que se apresenta ali é a natureza imu-

tável, são seres passivos, que constituíam, constituem e constituirão aquele cenário. É algo eterno. Além de expressar essa permanência das coisas e dos seres, o *présent* faz ressaltar o *imparfait* que vem logo em seguida introduzir o personagem de Belarmino, o único que vai interferir nesse mundo.

As grandes dificuldades surgem com relação ao pretérito perfeito, pois, para traduzí-lo podemos escolher entre o *passé composé* e o *passé simple* em francês.

No conto *Profanação*, em que há uma dramaticidade maior, e por isso a ocorrência do pretérito perfeito é bastante significativa, em francês, tivemos um equilíbrio entre *passé composé* e *passé simple*. Porém, o tempo verbal português não foi sistematicamente traduzido por um dos dois tempos franceses. O conto em questão relata a perseguição de um jumento a uma jumenta, que culmina com o ato sexual na sacristia da igreja. Vejamos algumas de nossas escolhas:

A cidade repousava na paz dormente da tarde. Redemoinhos. Carneiros que ruminavam à sombra da igreja. Outros animais pastavam na praça principal, que o mato ia farto naquele fim de águas. De repente, o relincho do jumento cortou o espaço, vibrante, sincopado, sacudindo concentrações. Jumento só relincha em hora certa. À larga sombra do oitão da casa da esquina, Seu Manduca, farmacêutico, concluiu o lance no tabuleiro do gamão e consultou o relógio: vinte para as cinco. (Campos, 1996, p.290)

La ville reposait dans le paisible engourdissement de l'après-midi. Des tourbillons. Des moutons qui ruminait à l'ombre de l'église. D'autres animaux brouaient sur la place principale, l'herbe était drue en cette fin de saison des pluies. Tout à coup, le braiement de l'âne, vibrant, syncopé, trancha l'espace, ébranla des concentrations. L'âne ne braie qu'à des heures précises. Sur le trottoir, à l'ombre de la maison du coin de la rue. Seu Manduca, le pharmacien, termine son coup de jacquet et consulte sa montre: cinq heures moins vingt.

O verbo **cortou**, por sua própria semântica, carrega a idéia de algo rápido, momentâneo. O ritmo da frase, cortado a intervalos curtos (um sujeito, dois adjetivos separados por vírgulas) exigiu em francês o *passé simple* que, não apenas por seu aspecto pontual, que opõe a segura ou precisão do fato à duração expressa pelo imperfeito, como também por sua morfologia, reproduz com muito mais justeza aquilo que o texto original nos sugeriu. Nesse cenário preguiçoso, modorrento, de uma tarde nordestina, o relincho do jumento veio interromper de maneira abrupta imprevista, súbita, a calma do momento. A exigência do *passé simple* foi sentida de maneira idêntica no final da mesma frase, onde o texto português traz um gerúndio. Perderíamos o efeito estilístico, usando o *gérondif*, uma forma mais longa em francês, quando o que ele marca aqui é a simultaneidade das ações, a última contendo o mesmo aspecto subitâneo da primeira.

Os outros dois pretéritos perfeitos do texto de parti-

da tornaram-se dois *présents* no texto de chegada. Ao empregarmos o *présent* no contexto em que predomina o passado, aproximamos o leitor do momento da ação. É como se trouxéssemos os fatos para o presente. É como se, às vinte para as cinco, hora em que Seu Manduca conclui seu lance de gamão e consulta o relógio, começasse a história que o leitor vai presenciar. O leitor torna-se, então, espectador da história e não ouvinte. No mesmo conto, em outro trecho, optamos pelo *passé composé*:

Mais coices. A jumenta apressava o passo em trote gracioso, e o fauno atrás. Ela entrou por uma das portas laterais da igreja, e ele também, o beijo superior mais dobrado que nunca. Quebraram bancos, o velho confessional foi deslocado. Alexandre Sacristão, que espanava o altar e os santos, ficou com o espanador parado no ar. (Campos, 1996, p.291)

Encore des ruades. L'ânesse pressait le pas, trotant gracieusement, et le faune derrière. Elle est entrée par une des portes latérales de l'église, et lui aussi, la baine supérieure plus relevée que jamais. Ils ont cassé des bancs, le vieux confessionnal a été bousculé. Alexandre Sacristão, qui enlevait la poussière de l'autel et des saints, est resté le plumeau en l'air.

Diferentemente do início do conto em que o pretérito perfeito veio quebrar a estabilidade de uma situação preexistente, aqui ele exprime uma seqüência de ações que dão continuidade à intriga, ações expressas por verbos que adquirem um aspecto menos instantâneo e mais durativo, ações cujo resultado permanece. Assim, a jumenta está dentro da igreja, os bancos estão quebrados e deslocados, Alexandre Sacristão permanece com o espanador parado no ar. Daí nossa opção pelo *passé composé*. Em outra passagem, voltamos ao *passé simple*:

Tudo se consumou na sacristia, perto da grande mesa coberta com a toalha de gorgorão, onde aos domingos se realizavam as conferências da Sociedade São Vicente de Paulo... (Campos, 1996, p. 291)

Tout se consumma dans la sacristie, près de la grande table couverte par la nappe en ottoman, là où les dimanches se tenaient les Conférences de Saint-Vincent-de-Paul..

Chegamos ao clímax, ao momento máximo, único, para o qual tudo converge. Entendemos que o recurso ao *passé simple*, sintético pela forma, instantâneo, pontual pelo aspecto, seria a solução acertada.

Por vezes ocorreu que nossa escolha foi norteadora por uma questão de coerência cronológica, como no conto *O puxador de terço*, em que recorremos ao *plus que parfait* para traduzir o pretérito perfeito.

Duas vezes por mês, presidia a Conferência de S. Vicente de Paulo, na sacristia da igreja.. Ele próprio ajeitava as cadeiras de couro tacheadas e a mesa com

toalha nova de gorgorão e berloques. Corria o saco de pano verde com cordel na boca, para recolher os óbolos. O outro saco, ele o **queimara** desde que irmão Apolônio **apareceu** morfético e **foi isolado** na casa do fim da rua,... (Campos, 1996, p.11)

Deux fois par mois, il présidait la Conférence de Saint-Vincent-de-Paul dans la sacristie de l'église. C'était lui qui arrangeait les chaises de cuir clouté et la table avec la nappe en ottoman, bordée d'une frange ouvragée. Il faisait passer la bourse à cordon en tissu vert pour recueillir les oboles. L'autre, il l'avait brulée quand la lèpre de frère Apolônio s'était manifestée et qu'on l'avait isolé dans la maison du bout de la rue...

O *passé simple* ou o *passé composé* não dariam coerência ao texto do ponto de vista cronológico. O fato de o irmão aparecer morfético e ser isolado é anterior à queima do saco de óbolos. Se a última ação é expressa pelo *plus que parfait*, só este tempo em francês poderia dar conta da anterioridade das outras ações.

A outra marca estilística recorrente na obra de Moreira Campos de que trataremos aqui é a abundância de construções nominais, as quais aparecem, geralmente, numa seqüência, como que numa enumeração. Evidentemente, esse tipo de construção não oferece grande dificuldade para tradução. Conservamos o seu caráter nominal, o que seria normal, fazendo porém algumas modificações na ordem das palavras ou mudando o foco, o ponto de vista, para obter maior ganho em termos de coerência estilística. Vejamos um exemplo retirado do conto *Os fantasmas*:

A velha o vigia na noite: o seu pigarro, os seus passos, difíceis, parados, em direção insistente do banheiro, detido diante do espelho da pia na sala de jantar. (Campos, 1996, p.108)

La vieille le surveille la nuit: son toussotement, sa marche difficile, interrompue, entêtée, en direction des W.C, l'arrêt devant la glace du lavabo dans la salle à manger.

Aqui preferimos o termo *marche* ao invés de *pas*. Como o personagem é um morto vivo, quase um fantasma, alguém quase ausente do mundo, como grande parte dos personagens de Moreira Campos, pareceu-nos que *marche*, termo de maior extensão semântica e de significado menos concreto do que *pas* seria a melhor escolha. Ainda com a intenção de mostrar a quase ausência do personagem, utilizamos o procedimento da transposição na classificação de Vinay et Darbelnet (1958). Como equivalente do adjetivo verbal *parado* que se refere diretamente ao personagem, optamos pelo substantivo *arrêt*. Recorremos também à modulação de Vinay et Darbelnet quando escolhemos mudar o foco. Em vez de *em direção insistente* (no caso, o adjetivo

modificando o substantivo *direção*), preferimos *sa marche, difficile, interrompue, entêtée* (o adjetivo *entêtée* referindo-se a *marche*). A solução encontrada aí foi ditada pela necessidade de realçar o ritmo da frase que reproduz o ritmo dos passos inseguros do personagem.

É interessante notar que o recurso estilístico das frases nominais serviu-nos como procedimento para encontrar algumas soluções. Neste parágrafo de *O peregrino*:

No mais, a solidão da noite e dos seres. A viúva-menina, sem lágrimas. Duro mundo, carente de umidades. Muitas lições de renúncia. Tão trabalhados todos como a escarpa fendida e crestada pelo tempo, por onde subiam bodes e cabras. (Campos, 1996, p. 134)

A part ça, la solitude de la nuit et des êtres. La veuve-enfant, sans larmes. Dur ce monde, sec, privé d'humidités. Des exemples de renoncement. Des êtres travaillés comme la roche fendue et brulée par le temps, escaladée par les chèvres et les boucs.

O padrão do parágrafo, quase todo de frases nominais, é quebrado, no final, por uma oração adverbial. Com isso, o autor quer, sem dúvida, ressaltar a presença dos animais, únicos seres ativos naquele mundo de seres passivos como as pedras, que sofrem a ação do tempo. Tentamos reproduzir o efeito em francês, com a mesma estrutura de frase, mas o resultado não foi satisfatório. Efetuamos, então, uma transposição, utilizando a forma adjetiva do verbo, *escaladée*, que tem carga semântica passiva, reforçada, pela repetição dos adjetivos com o mesmo valor: *travaillés, fendue, brulée*. Talvez tenhamos perdido um pouco do efeito semântico, mas compensamos por uma coerência formal.

Não apenas as frases nominais, mas as formas nominais dos verbos, sobretudo o gerúndio, são bastante utilizadas por Moreira Campos. Como o gerúndio ou mesmo o participípio presente são formas um tanto pesadas em francês, optamos algumas vezes por substituí-las por um substantivo, utilizando assim um recurso estilístico próprio do autor. Entendemos, portanto, estar sendo coerentes com o estilo que constitui a unidade da obra de Moreira Campos.

No conto *O buraco da fechadura*, para descrever a anatomia da personagem, Campos refere-se a “*Aqueles quadris fortes, a cintura partindo-se estrangulada!*” Feita a transposição, tivemos em francês “*Ces hanches fortes, la cassure de la taille, étranglée!*”

Esses são, pois, exemplos da reflexão que norteou nossa prática tradutória. Identificados os elementos constitutivos da unidade estilística da obra de Moreira Campos, todo nosso esforço foi na direção de uma fidelidade à nossa leitura do texto de partida, à nossa interpretação, “que será sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.” (Arrojo, 1986, p. 44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. (1986). *Oficina de tradução – a teoria na prática*. São Paulo: Ática.
- CAMPOS, J.M.M. (1996). *Obra completa: contos II*. Org. Natércia Campos. São Paulo: Maltese.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GREVISSE, M. (1993). *Le bon usage – grammaire française*. 13e. ed. Refondue par André Goosse. Paris: Duculot.
- MATEUS, M. et al. (1994). *Gramática da língua portuguesa*. 4ª. ed. Lisboa: Caminho.
- VINAY, J.P. e DARBELNET, J. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris, Didier.
- WAGNER, R.L. e PINCHON, J. (1991). *Grammaire du français contemporain*. Ed. revue et corrigée. Paris: Hachette.